

A COGOVERNANÇA COMO EXPERIÊNCIA: O PROJETO AMAZÔNIA E A GESTÃO DAS CIDADES, UMA EXPRESSÃO DA ARTE DE AMAR

Edivaldo José Bortoleto¹

Tereza Mitsue Horibe²

*Agradecimentos: Aos voluntários dos projetos regionais de Amazonas, Pará e Maranhão/Brasil
À Prof^ª Dr^ª Rosa Gitana Krob Meneghetti pela colaboração na construção do presente artigo.*

DOI: <https://doi.org/10.47306/978-65-88213-16-2.177-192>

Sumário: 1 Introdução; 2 O sabor das origens; 3 O sabor do humanismo pedagógico; 4 O sabor da experiência do projeto amazônico; 5 Considerações finais; Referências.

1 INTRODUÇÃO

No ano de 2019, em Castel Gandolfo, na Itália, realizou-se o I Congresso Internacional da Cogovernança, privilegiando o compromisso proposto e vivenciado pelo Movimento Político pela Unidade nas cidades e entre as cidades. É nas cidades que o Movimento em todas as suas cores irradia e inunda os sinais do Reino, para que se construa, traduzindo Agostinho, a cidade das cidades. Assim, é nas cidades que se constrói o amor dos amores, a Política!

Na ocasião, uma das propostas do evento foi a realização de um Congresso Internacional nos diferentes continentes, a cada espaço de dois anos, na perspectiva de compartilhar aprendizados e desafios no espírito do movimento de fraternidade. Em 2021 o congresso será realizado no continente Latino-Americano-Caribenho e o Brasil será seu anfitrião.

Neste tempo, o tema da cogovernança emerge fortemente diante da complexidade do ato de governar, pois há questões, interesses e poderes que se relacionam entre si. Ao mesmo tempo é possível perceber o crescimento da consciência de que o melhor modo de governar é quando se compreende que a gestão coletiva carrega a visão comum sobre a cidade e, implicitamente,

¹ **Edivaldo José Bortoleto**, Graduação em Filosofia/PUC/Campinas, Mestrado em Filosofia da Educação/UNIMEP, Doutorado em Comunicação e Semiótica/PUC/SP, Doutorado em Educação/UNIMEP, Pós-Doutorando em Filosofia/PUC/SP. Professor do Departamento de Educação, Política e Sociedade do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo – Vitória – Espírito Santo. E-mail: ejbortolo@gmail.com

² **Tereza Mitsue Horibe**, Graduação em Enfermagem/Uniararas/SP, Mestrado em Enfermagem da Universidade de São Paulo. Membro da Rede Saúde Diálogo Cultura. E-mail: terezahoribe@gmail.com

a “corresponsabilidade” das instituições. Uma cidadania ativa implica uma rede única de sujeitos e de bens relacionados.

No II Congresso Internacional, o tema **Cogovernança como processo de construção de fraternidade na política, a partir das cidades** propõe-se a contribuir com o fortalecimento da democracia na América Latina, discutindo a organização, a participação e o cuidado a partir das cidades. Por isto, desafia a sociedade a uma reflexão sobre a prática num processo contínuo de participação e corresponsabilidade entre os diversos sujeitos, nas suas diferentes funções, com o intuito de pensar e sustentar uma cidade que acolhe, cuida e oferece uma vida digna para todas as pessoas.

Em razão destas preocupações, os objetivos do evento são criar um espaço propício para a reflexão e a prática relativamente ao compromisso social nas cidades, a partir das estruturas, possibilidades e desafios que elas oferecem, colocando o foco na cogovernança para defender, fortalecer e consolidar a vida política e democrática em todos os espaços da convivência humana. Para tanto, a ideia é discutir processos participativos, estimulando o diálogo e a cooperação, de forma que se criem instrumentos e linguagens que apontem para a formulação de políticas públicas efetivas.

Neste sentido, o relato de experiências e de *cases* que demonstram tentativas de alcance dos propósitos mencionados são sempre muito bem vindos, e podem servir de inspiração e caminho para outras comunidades adaptarem suas práticas, e também como possibilidade de diálogo entre os diversos grupos. Este é o foco do texto em curso, relatando a experiência do grupo de focolarinos e de voluntários do Brasil com um trabalho na região da Amazônia.

Entre os muitos eixos temáticos propostos pela organização do Congresso o relato, este artigo, inscreve-se no item 7) *Participação*, porque insere a experiência na categoria do compromisso social de diversos grupos com as comunidades tradicionais de Óbidos, na Amazônia.

O Projeto Amazônia nasceu em 2005 com membros do Movimento dos Focolares de todo o Brasil, visando responder às demandas concretas e aos apelos da CNBB – *Conferência Nacional dos Bispos do Brasil* – no tocante à grave situação da Região Amazônica, inclusive e, principalmente, à carência de assistência espiritual devido à imensa vastidão dessa região. Nestas circunstâncias, a questão da espiritualidade vem permeada pelos elementos de pobreza e desprovimento das comunidades tradicionais acrescida, naturalmente, das questões culturais exemplificadas pelas representações indígenas que, por si só, já são imensamente diversas, ricas e, de forma geral, pouco valorizadas pelos que se aproximam com a intenção de ajudar.

A ideia do compromisso social está diretamente vinculada ao mandamento de Jesus que nos impele ao cuidado e zelo com o próximo. Olhar para o outro em busca do Jesus Abandonado é uma entre tantas outras maneiras de vivenciar a experiência com o Cristo da fé que não nos paralisa; ao contrário, nos dinamiza e energiza para o trabalho e a Missão. Mas que, também, manda amar respeitando a vida do outro, suas práticas e manifestações sociais, culturais e religiosas.

O tema da cogovernança, discutido neste texto sob o subtítulo *Sabor das origens*, está ancorado em três elementos que lhe servem de fundamentação: primeiro as fontes bíblicas que justificam a discussão na perspectiva de sua ética fundante, ou seja, o “amar o outro como a si mesmo” passa pelo reconhecimento da existência do outro e pela importância dada a ele no conjunto da vida em sociedade. O segundo suporte vem dos documentos da Igreja e do Movimento, sua compreensão sobre a importância do diálogo entre as pessoas, e seu constante apontamento para o cuidado com a existência de todos. Os documentos são fonte inesgotável de compreensão sobre as *compreensões* que as lideranças institucionais tiveram, ao longo dos últimos séculos, sobre a questão da cogovernança e do convívio das pessoas nas cidades.

No Brasil temos o privilégio de contar com um teórico de renome internacional que conseguiu com sua obra, como poucos, contribuir para uma visão humanista do papel do cristão na sociedade. Paulo Freire foi um filósofo que, ao lado de sua vida acadêmica construída na Universidade de Pernambuco, desenvolveu em paralelo uma vida de prática política engajada no cotidiano da cidade. Foi secretário da educação de Recife nos anos sessenta do século XX, e na prática desta função entrou em contato com a falta de alfabetização dos trabalhadores. Esta, entre outras experiências, impulsionou seus estudos sobre o tema, o que mais tarde, com a contribuição de muitos outros estudiosos, especialmente pedagogos, transformou-se em seu método de alfabetização reconhecido em todo o mundo. No campo da filosofia e da antropologia, suas ideias são, neste artigo, o terceiro elemento de nossa ancoragem.

2 O SABOR DAS ORIGENS

A Obra de Maria emerge no coração da guerra enquanto construção do Carisma da Unidade em meio aos escombros das cidades e das gentes vitimadas. Assim, faz todo sentido a realização do II Congresso Internacional – como também foi o primeiro – tomar por tema a **Cogovernança como processo de construção de fraternidade na política, a partir das cidades** com o propósito de contribuir com o fortalecimento da democracia na América Latina e Caribe. Desde as complexas cidades cuja formação, diferente das da Europa, que tiveram uma

Idade Média, - as cidades europeias foram inventadas no horizonte da medievalidade - até a América Latina Caribenha, que nasce sem uma Idade Média, mas já nasce moderna no próprio processo de formação da modernidade ocidental, e que vive e experimenta a expressão máxima da complexidade pois, nas grandes cidades, riqueza e opulência se estabelecem em antinomias com a miséria e a privação dos bens fundamentais à produção e à reprodução da vida e da existência. Ora, é deste horizonte que Paulo Freire ganha dimensão de mundialidade, porque seu pensamento subsume a causa dos pobres mais pobres vitimados por um sistema que se impõe no continente, principalmente, o latino-americano-caribenho desde o processo de invasão-colonização-dominação.

Falar do sabor das origens, então, requer tomar o tema da Governança como processo de construção da fraternidade na política a partir das cidades, e considerar pelo menos três origens: o sabor da origem mesma do processo de formação do continente latino-americano-caribenho; o sabor da origem mesma do Movimento dos Focolares; e, o sabor da origem dos fundamentos que possibilitarão o paradigma à própria Cogovernança enquanto forma de fraternidade política.

O sabor da origem do continente latino-americano-caribenho. É um imperativo ter uma visão do que é o continente americano, principalmente, o continente latino-americano-caribenho. Este continente em sua proto-história já era habitado por uma diversidade de etnias com suas respectivas línguas, religiões, saberes, costumes, organização social, formação desde tribos a complexas cidades. Tais etnias ao entrarem em contato com o europeu foram sendo dizimadas em toda sua complexidade cultural, - tão elevada quando a do europeu que aqui chegou, mas que não teve um trato fraterno na política com as diferenças -. Os mais de quinhentos anos de América Latina Caribenha já portam uma sobrecarga temporal, portanto, antes mesmo da chegada europeia e depois também. As cidades que foram sendo construídas e erigidas obedeceram à geografia do Novo Mundo, daí, serem cidades irregulares, construídas às margens dos rios, no encontro e na mistura de todas as etnias que foram se mesclando, povos originários, europeus, africanos e, mais tardes, europeus de outras regiões e asiáticos. Assim, o Novo Mundo, num processo tenso e de violência, foi sendo amalgamado, misturado, fusionado. Olhar para as cidades latino-americanas-caribenhas é olhar para um tempo que guarda os sabores das origens, portanto, e principalmente, em sua arquitetura barroca. A América Latina Caribenha é barroca enquanto culturas fusionadas e tensionadas. As cidades guardam em seus signos o que significou e vem significando este continente que é dinâmico, veloz, onde as misturas étnicas estão em curso. É inegável que a antinomia da opulência para alguns e da

ausência para a grande maioria se reflete nas condições econômicas, sanitárias, educacionais, culturais e de acessos aos bens mais fundamentais para se garantir a produção e a reprodução da própria vida, da própria existência com sua dignidade e seus sonhos. Esta é a razão pela qual este vasto continente também será o lugar das lutas libertárias como forma de enfrentamento às lógicas da violência e da dominação. As cidades constituem-se nos palcos das grandes manifestações de movimentos insurretos desde os tempos mais antigos e que ainda estão em curso nos tempos atuais. Abarcar a América Latina Caribenha supõe uma teoria elevada e complexa para se ler e compreender este ambiente altamente complexo onde arcaísmo e modernidade pervivem simultaneamente. Ainda aqui, as cidades latino-americanas-caribenhas constituem-se em exemplo máximo desta convivência de ambivalências. Ler este continente com lentes eurocêntricas é reduzi-lo em sua magnitude, beleza, valor e em suas vicissitudes, portanto. Assim, não se pode deixar cair no olvido Frei Bartolomé de Las Casas que por primeiro denunciou a destruição do paraíso do Novo Mundo e por primeiro reconheceu que o Índio tem alma e, que segundo Enrique Dussel, é quem inaugura a modernidade latino-americana-caribenha do ponto de vista do pensamento; Sór Juana Inês de La Cruz e Antonio Vieira que formularam o Novo Mundo barroco e, mais à frente, José Lezama-Lima, formulando o Barroco enquanto nosso contra-ponto à dominação europeia em sua forma Neo-Barroca; José Maria Arguedas que compreendeu a América Latina Caribenha em seus rios profundos culturalmente falando; Oswald de Andrade, Mario de Andrade, Anita Malfatti, Victor Brecheret, Menotti Del Picchia, Heitor Villa-Lobos, Tarsila do Amaral, Monteiro Lobato que na Semana de Arte Moderna inauguram um outro paradigma de acesso à cultura brasileira; Ariano Suassuna, que nas pegadas de Sílvio Romero e Gilberto Freyre formulou, talvez, a síntese estética mais acabada entre a cultura popular e a cultura erudita enquanto expressão da cultura brasileira; Anísio Teixeira e Paulo Freire que formularam uma concepção de educação enquanto formação de uma cultura para todos. Assim, cada região, cada país constitutivo deste imenso complexo que é a América Latina Caribenha teve e continua tendo, em suas diversas temporalidades demarcadas, os seus pensadores nas respectivas áreas de saberes e de conhecimentos, que tentaram traduzi-la em sua imensidão de possibilidades.

O sabor da origem da Obra de Maria. Chiara Lubich foi um gênio da mística e da espiritualidade no século passado e que segue sendo nos dias atuais. Ela e suas primeiras companheiras, desde os escombros e dos tempos obscuros produzidos pelas duas guerras europeias, mais europeias que mundiais, principalmente, a segunda guerra, encontraram um caminho em meio às cidades destruídas: *o caminho da Unidade!* Tal como diz João: *Eu lhes*

dei a glória que me deste para que sejam um, como nós somos um: Eu neles e tu em mim, para que seja perfeitos na unidade e para que o mundo reconheça que me enviaste e os amaste como amaste a mim. (17, 22-23). Jesus diz estas palavras às vésperas de sua paixão e morte. Chiara e as primeiras companheiras reconhecem o *caminho da Unidade em Jesus abandonado* em meio à destruição, destruição da cidade, da cultura, da existência, dos valores, dos fundamentos. Diz o Salmista: *Se os fundamentos estão destruídos que pode o justo fazer?* (Salmo 11-10, 3). Chiara e as primeiras companheiras souberam adentrar a espessura da realidade para além da destruição e da barbárie e contemplar na *noite escura da cultura* a possibilidade real da reconstrução do mundo destruído: *a Unidade! Eis o Ideal.* Assim, “neste âmbito, o termo ‘Ideal’ se refere a todas as ideias que, acreditamos, foram sugeridas pelo Espírito Santo para a fundação e a vida de nossa Obra. Dizem respeito tanto à sua espiritualidade quanto à sua estrutura”. (LUBICH, 2016, 15). A Obra de Maria, no sabor de sua origem, em meio a *Jesus abandonado*, inaugurou uma obra ímpar de um laicato antes mesmo disto ser explicitado no Concílio Vaticano II, principalmente, em sua Constituição Pastoral *Gaudium et Spes - A Igreja no Mundo de Hoje*. Aqui reside o gênio de Chiara, pois antecipou o movimento do laicato *avant la lettre* ao Concílio Vaticano II, tal qual, John Wesley em seus *Sermões* já havia, em uma sobrecarga de tempo maior desde o século XVIII, antecipado no Metodismo que também nasceu enquanto um Movimento na Igreja Anglicana, muitas teses do Concílio Vaticano II, inclusive, a pastoral aos mais pobres e o diálogo entre as diferentes tradições religiosas. Diz Wesley no Sermão *O Espírito Católico*: Consideremos a questão proposta por Jeú a Jonadabe: “Porventura tens tu o coração reto, como o meu o é com teu coração?” “Se assim é, dá-me a tua mão”, ame toda a humanidade, teus inimigos, os inimigos de Deus, os estranhos, com um irmão em Cristo. Podemos aprender o que seja o espírito católico”. (...).

E como se dá o caminho da Unidade?

“O apostolado típico do Movimento dos Focolares se apoia na vida do Evangelho”, tal como desejou Chiara Lubich. E ela prossegue dizendo:

O que devemos fazer é *amar a Deus*.

A Ele, todo o nosso ser, o nosso tempo, o nosso trabalho, o nosso amor, o nosso intelecto.

Para traduzir isto, é obrigatório derramar a atenção, e os cuidados, e o amor inclusive sobre as

criaturas.

Mas devemos fazer isso por Ele, para *continuar* a amá-lo.

Nós devemos fazer isso por Ele, pra continuar a amar a Ele. (2016, 90).

O Movimento dos Focolares, porque uma Espiritualidade coletiva e comunitária, irradia e inunda o mundo da cultura. Assim, o Movimento realiza no seio das diferentes culturas uma prática *intercultural* enquanto uma *interculturização*. Isto porque desde o Ideal, onde o Espírito Santo age e atua, há um entranhamento da presença viva de Deus em todas as culturas sem estabelecer nenhuma hierarquia entre elas no tocante a ser uma cultura superior ou uma cultura inferior. Ora, porque Deus se faz incarnado nas culturas, pode se compreender que cada cultura é já à imagem e semelhança de Deus. Assim, “o Concílio Vaticano II reafirmou que, em todos os povos, em todas as culturas, existe a presença viva do amor de Deus e da verdade, ‘sementes’ do Verbo, que o próprio Verbo encarnado quer levar à plena maturação”. (2016, 106). Esta compreensão que vem desde a Patrística e perpassa toda a evolução da teologia, principalmente, desde Justino, Padre grego do século II que em sua *Apologia* afirma que Jesus Cristo em sendo o *Lógos*, possibilita que todas as pessoas e, portanto, todas as culturas, participem Dele. (REALE - ANTISERI, 2003). Ora, toda a natureza e toda a cultura em sentido plural e, todas as pessoas, participam e são habitadas pelas ‘sementes’ do Verbo, do *Lógos*, da Palavra criadora e procriadora. Pode-se afirmar, então, que o Movimento é e quer ser esta “memória viva coletiva e espiritual” do Amor criador e procriador. Assim, todas as dimensões constitutivas da cultura interessam ao Movimento, razão esta pela qual Chiara iniciou a Escola Abba: “A nossa Obra é uma escola, uma fonte de doutrina, de doutrina ‘nova’ que nasce na Igreja”. (2016, 403). O sabor da origem da Obra de Maria é então a própria Trindade que se manifesta nas pessoas do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Este Deus trinitário - a tradição wesleyana chama de Deus Triúnico - está, pode-se assim dizer, desde sempre impregnada na natureza, nas culturas, nas pessoas. Pode-se dizer, então que:

Isso significa, explica Chiara, que a cultura de cada um de nós não deve ser um obstáculo na relação com o outro; significa conduzir as próprias culturas à sua raiz, que é Deus nelas, Deus, em quem encontramos a força para superá-las na unidade. Uma unidade que não é eliminação das diferenças, mas elevação das mesmas para serem expressão da riqueza infinita que é Deus. Uma unidade que pode, então, ser ‘cultura das culturas’. (16, 106).

O sabor da origem dos fundamentos que possibilitará o paradigma à própria Cogovernança enquanto forma de fraternidade política. “A doutrina que a Escola Abba elabora articula-se em reflexões teológicas, filosóficas e das outras áreas do saber”. (2016, 407). Chiara em seu gênio conjuntamente com as primeiras focolarinas formulou uma fonte de doutrina “nova” que nasce na Igreja, portanto, que nasce do tesouro que contém coisas novas e velhas. “Entendestes todas essas coisas?” Responderam-lhe: “Sim”. Então lhes disse: “Por isso, todo escriba que se tornou discípulo do Reino dos Céus é semelhante ao proprietário que do seu

tesouro tira coisas novas e velha”. (MATEUS, 13, 51-52). Ora, o Concílio Vaticano II foi um evento de tamanha magnitude e significação que os seus frutos e efeitos seguem ainda hoje. A metade do século passado foi marcado por dois momentos fundamentais, a realização do Concílio Vaticano II entre 1962 e 1965 e, a realização da Conferência mundial do Conselho Ecumênico das Igrejas que teve lugar em Genebra em 1966. Se no século XVI no contexto da Reforma Religiosa a modernidade ocidental experimentou a segunda cisão da cristandade, no século XX, os ânimos são outros, a perspectiva é a do diálogo, agora, com o mundo contemporâneo saído dos escombros de duas guerras europeias e, cujo contexto foi o da guerra fria e do armamento nuclear das potências ocidentais e orientais. Estes dois momentos não podem ser lidos em separados, pois, o que está em jogo agora, em todos os sentidos e em todas as dimensões é o próprio diálogo. “A Conferência mundial do Conselho Ecumênico das Igrejas, celebradas em Genebra em 1966, representou para as Igreja do ramo não Católico Romano, o que a *Gaudium et Spes* representou para a Católica Romana. Os documentos da Conferência, assim, como os estudos dos peritos representam uma variação decisiva no que se pode chamar “ética social do Conselho ecumênico das Igrejas”. (VIDAL, 1979, 69). O conjunto do Concílio Vaticano II, constituído por Constituições, Decretos e Declarações, carrega em seu tesouro coisas novas e velhas, pois foi um Concílio doutrinal, pastoral e ecumênico. O Concílio Vaticano II, se despidendo de uma linguagem mais julgadora do passado agora comporta uma linguagem mais compreensiva em relação ao mundo contemporâneo, às ciências, às tecnologias, às tradições cristãs outras e às outras tradições religiosas não cristãs. Sentir, querer, entender, desejar, amar e agir com a Igreja significa agora sentir, querer, entender, desejar, amar e agir com o Vaticano II. Em suas Constituições Dogmáticas e Constituições Pastorais, têm-se uma arquitetura que se apresenta como parte dos fundamentos *que possibilitará o paradigma à própria Cogovernança enquanto forma de fraternidade política*. O Concílio Vaticano II - principalmente sua Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* - é já o paradigma - que tem o sabor da origem - para se construir a própria Cogovernança e que está em sintonia com a Obra de Maria que é uma escola de doutrina “nova” porque gerada no seio da Igreja pelo Espírito Santo. O Proêmio da *Gaudium et Spes* é uma das páginas mais bela da respectiva Constituição Pastoral:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração. Com efeito, a sua comunidade se constitui de homens que, reunidos em Cristo, são dirigidos pelo Espírito Santo, na sua peregrinação para o Reino do Pai. Eles aceitaram a mensagem

da salvação que deve ser proposta a todos. Portanto, a comunidade cristã se sente verdadeiramente solidária com o gênero humano e com sua história. (2019, 144).

Mas, o fruto mais decisivo do Concílio Vaticano II deu-se na América Latina Caribenha. Marciano Vidal diz que “a Segunda Conferência do Episcopado latino americano realizada em Medellín (1968), é, ao lado da *Gaudium et Spes*, um acontecimento decisivo para a formulação da ética social cristã”. (1979, 69). Seguindo ainda com Marciano Vidal em sua *Teologia Pública e o Concílio Vaticano II: Um “novo modo” de ser cristão no mundo*, diz, a partir de Yves Congar, que o Concílio foi um Concílio dos teólogos. Assim:

Em seu Diário Y. Congar chegou a fazer a afirmação de que o Vaticano II ‘era um concílio dos teólogos’, pois nunca se viu tantos teólogos reunidos. Pôde-se contemplar ali a geopolítica da teologia mundial daquele momento: ‘A insistência francesa na missão, a seriedade alemã nas fundamentações dogmáticas, o despertar bíblico dos norte-americanos, a pneumatologia – pouco escutada – dos orientais, e já, então, as preocupações sociais e evangélicas dos latino-americanos (que depois interpretariam profeticamente o Concílio em Medellín, em 1968). (2014, 281).

O sabor da origem do continente latino-americano-caribenho desde Frei Bartolomé de Las Casas às realizações das Conferências do Episcopado Latino Americano - CELAM (**Rio**, 1955; **Medellín**, 1968; **Puebla**, 1979; **Santo Domingo**, 1992; **Aparecida**, 2007) subsumiu na *opção preferencial pelos pobres em seu potencial evangelizador* a via de acesso ao Reino de Deus. Isto é decisivo, porque profético, para se pensar a **Cogovernança como processo de construção de fraternidade na política, a partir das cidades**, preocupações estas sociais e evangélicas, pois não é possível pensar a cidade e sua cogovernança sem os pobres mais pobres do mundo, vítimas do sistema, principalmente, na América Latina Caribenha, África e Ásia sem uma perspectiva libertadora. Assim, o sabor das origens, enquanto o sabor da origem mesma do processo de formação do continente latino-americano-caribenho; o sabor da origem mesma do Movimento dos Focolares; e, o sabor da origem dos fundamentos que possibilitará o paradigma à própria Cogovernança enquanto forma de fraternidade política se encontram em uma unidade ontológica, lógica, epistemológica, ética, estética, política e econômica, todos aspectos da vocação dos membros da Obra de Maria que “é o Amor vivo na dimensão do Corpo Místico. Isto se dá, tanto pessoalmente quanto comunitariamente” (2016, 15) e possibilita construir a governança como processo de construção de fraternidade na política das cidades, enquanto, cidade das cidades, continuando a longa tradição de Santo Agostino na *De Civitate Dei* – Cidade de Deus e Cidade dos Homens, estes dois amores e, em sintonia com a expressão mais madura até o momento do Concílio Vaticano II conjuntamente com os Documentos do CELAM, que é a Carta Encíclica *Fratelli Tutti* – Sobre a Fraternidade e a Amizade Social do Papa Francisco.

3 O SABOR DO HUMANISMO PEDAGÓGICO

A expressão de Paulo Freire “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. (FREIRE, 1981, p.79) oferece-nos a possibilidade de pensar o ato de viver em sociedade como um ato substancialmente educativo e, ao mesmo tempo, definitivamente socializador. Ou seja: não há sobrevivência humana que esteja afastada do convívio com o outro que, na prática educa a si mesmo e nos educa, socializa a si e nos socializa também. E a mediação, que produz este processo mútuo, é o mundo e a realidade com todas as circunstâncias que os constituem. Assim não há vida, na expressão absoluta do termo, sem inserção em sociedade. Nós, humanos, somos constituídos de e pela cultura. E dela e nela emergem e se formatam nossos princípios e significados. A cultura se apresenta em forma de valores, saberes, memórias, construções e compreensões sobre a realidade, como racionalidades matriciais e intelectuais dos povos e das sociedades.

Na perspectiva do autor, tão importante quanto entender o processo civilizatório como elemento socializador e a vida humana como ato de cultura, é compreender o conceito de conscientização e o seu papel fundamental no desenvolvimento da postura crítica das pessoas. A conscientização é o processo de construção da consciência crítica, que nos possibilita compreender as formas de aproximação com o mundo, tendo consciência sobre tal. Segundo FREIRE (1980, p. 27) “Quanto mais conscientização, mais se ‘des-vela’ a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo”.

Assim, todo o processo educativo do ser humano, desde sua formação inicial, alfabetização até os campos específicos de conhecimento passa pela cultura e pelo reconhecimento do sujeito que conhece, e que faz sua leitura do mundo. Neste sentido, porque passa pela cultura, a educação é política, no sentido de que ajuda a decidir a vida na pólis, na cidade, ajuda a discutir a vida, o mundo que todos querem e isto implica em reconhecer as pessoas como sujeitos de direitos. Vejamos o que nos diz Paulo Freire:

Sempre que tenho discutido a questão da alfabetização, tenho afirmado que é impossível pensar-se na leitura da palavra sem reconhecer que ela é precedida pela leitura do mundo. Daí que a alfabetização, enquanto aprendizado da leitura escrita, da palavra, implique a leitura do mundo. Por isso é preciso primeiro constatar esta coisa óbvia: que o bicho gente, muito antes de desenhar e fazer a palavra escrita, falou, disse a palavra e, muito antes de escrever, “leu” o mundo dele, “leu” a realidade dele. Talvez pudesse dizer que muito antes de escrever a palavra, ele “escreveu” o mundo, isto é, transformou o mundo sobre o qual falou para, depois, escrever o falado. De maneira que todo processo de alfabetização, para mim, tem que compreender e constatar este fato histórico e social... (...). (FREIRE, 2001, pág. 136).

Neste sentido, quando falamos em cogovernança das cidades, tema deste evento, e nos interesses de todos os atores sociais que se apresentam *a priori*, com a mesma força de

representatividade social, precisamos eleger um critério para organizar as prioridades. Na perspectiva da antropologia apontada por Paulo Freire, é impossível fugir do humanismo que emerge de suas palavras quando diz que o “bicho gente” lê o mundo, fala sobre ele e depois escreve sobre o que fala. Ou seja: a prioridade nasce da leitura do mundo feita pelo ser humano. E, claro, isto envolve compreender o mundo e agir para torná-lo melhor.

Mas as ações de compromisso social são todas possíveis a partir da compreensão de cada um de nós, humanos, sobre nosso lugar no mundo e na sociedade. Novamente precisamos nos valer do conceito bastante trabalhado na obra do autor que é a *conscientização*. Diz ele (STRECK *et ali*, 2016, pág. 88):

A conscientização, compreendida como processo de criticização das relações consciência-mundo, é condição para a assunção do comprometimento humano diante do contexto histórico-social. No processo de conhecimento, o homem ou a mulher tendem a se comprometer com a realidade, sendo esta uma possibilidade que está relacionada à práxis humana. É através da conscientização que os sujeitos assumem seu compromisso histórico no processo de fazer e refazer o mundo, dentro de possibilidades concretas, fazendo e refazendo também a si mesmos.

A experiência de interferência na realidade presente no Projeto Amazônia e vivenciada pelas diversas equipes de focolarinos e de pessoas voluntárias que se sucederam no trabalho às inúmeras populações atendidas pela iniciativa desde 2005 demonstram, de forma clara e inequívoca, o alto índice de consciência crítica sobre a realidade que tanto as pessoas isoladamente quanto as comunidades possuem e buscam desenvolver.

4 O SABOR DA EXPERIÊNCIA DO PROJETO AMAZÔNICO

O Projeto Amazônia vem sendo realizado nas cidades deste enorme território brasileiro que é a Amazônia e desde o seu começo, três grandes objetivos vêm sendo perseguidos: realizar o Projeto sempre em lugares diferentes para alcançar diferentes comunidades, tentar construir relações com os outros setores das comunidades, como prefeituras, ONGs e outros, e estimular as comunidades a manterem o trabalho após a finalização do Projeto.

O Projeto tem se constituído numa experiência rica e abrangente e a cada ano tem se dimensionado mais com a inclusão de muitos grupos representativos das forças sociais: estudantes dos mais diversos níveis escolares, profissionais liberais como médicos, dentistas e outros, universitários dos mais diversos cursos como Enfermagem, Farmácia, Medicina, Pedagogia, Educação Física e outros. A participação de todos estes atores sociais tem um excelente valor em si mesmo, mas em especial, são condutores de diálogos com seus pares, o que auxilia no envolvimento de outros parceiros e colaboradores.

Em 2020, no artigo “Amazônia em chamas: a tensão entre o cuidado e o desamor” publicado na revista Caminhos de Diálogo, cujo objetivo era relacionar a experiência do Projeto realizado em Óbidos, em 2019, com os documentos que alinham ao Vaticano II, um pequeno trecho resume um pouco do trabalho realizado. Vejamos:

As visitas à população são sempre a principal ação do Projeto e esta prática se torna oportunidade para ir ao encontro de Jesus presente no próximo; a ênfase não é tanto para levar coisas materiais para as pessoas, mas para levar Jesus, levar a Sua palavra. Os participantes são hospedados pelas famílias da cidade, o que possibilita a realização do Projeto que não dispõe de nenhum fundo para o pagamento de despesas. Anualmente, o Projeto tem sido realizado em diferentes cidades comunidades ribeirinhas e quilombolas da região, e muitas pessoas – membros ou não do Movimento Focolares – participaram do Projeto e vivem o amor evangélico, encontrando “*renovação interior*”, “*união com Deus*”, “*alegria por ter amado as pessoas*”, “*grande paz interior que nasce da doação*”, nas palavras dos participantes. E esses frutos do Espírito refletem também nas pessoas das comunidades visitadas: vida espiritual renovada, restabelecimento do diálogo e união de famílias, resoluções de processos e renovação da esperança pessoal e da comunidade. (BORTOLETO *et ali*, 2020. Pág. 14)

Responder ao chamado para o serviço em condições muito simples, deslocar-se por conta própria dos mais diversos lugares para um estado distante, utilizar os dias de férias para trabalhar para o próximo, hospedar-se em acomodações simples, pedir ajuda financeira entre familiares e amigos para o deslocamento e viagens, enfim, dispor-se para o outro, este é o espírito que tem norteado os participantes do Projeto Amazônia.

Mas o outro lado da moeda é tão importante quanto este de despojamento e disponibilidade: conhecer novas realidades, compreender a imensidão de nosso país, descobrir a importância de doar parte do seu tempo para ajudar aos que necessitam, construir as relações das diferentes áreas de saber representadas pelos universitários que participam do Projeto e com isso envolver instituições de ensino superior, públicas e privadas, tendo a chance de, a partir destas iniciativas de extensão, criar oportunidades de pesquisa e de produção de conhecimento. Além disso, auxiliar a criar a importância do evento junto às comunidades, e com isto chamar a atenção para a proposta do trabalho, envolvendo lideranças da própria comunidade, torna a decisão de participar ainda mais consistente. Os participantes aprendem a organizar os processos de gestão das atividades, saem de sua zona de conforto e encaram os desafios do novo, enfrentam as situações difíceis de não ter muitos recursos, fazem mediações de conflitos, resolvem problemas, avançam nas relações com as prefeituras e órgãos instituídos, fazem enfrentamentos, propõem mudanças, enfim, aprendem a lidar com as possibilidades e com as impossibilidades. Este é o pano de fundo do Projeto que, neste texto, aponta para uma excelente preparação para a cogovernança.

Há muitos relatos sobre a experiência de participação no Projeto em suas diversas versões desde a sua criação em 2005, escritos pelos participantes. Ler os depoimentos, na linguagem própria a cada um, é uma forma de ilustrar e enriquecer esta narrativa. Para preservar sua privacidade, são aqui chamados de *participantes*.

Participante 1 – O estilo de evangelização do Movimento - baseado na comunhão e no slogan “primeiro viver e depois falar”, além do testemunho comunitário (“disso reconhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros”) – é muito bem visto pelos Bispos, sendo considerado de grande benefício para a Amazônia por causa da sua diversidade cultural e religiosa e da sua necessidade sempre maior de leigos empenhados. Nas duas primeiras edições (2005 e 2006) estivemos em comunidades das dioceses de Rio Branco/AC, Porto Velho/RO, Guajará Mirim/RO e Ji-Paraná/RO. Na edição 2007, além das comunidades dos anos precedentes foram acrescentadas outras nas dioceses de Santarém/PA e Bragança/PA. Ao longo dos anos foram nascendo outras possibilidades em outros Estados e comunidades. Um dos critérios para escolha de comunidades é que ali já exista um grupinho do Focolare que possa garantir a continuidade das ações ao longo de todo o ano.

Participante 2 - Eu e ... acompanhados por uma professora da cidade e seu filho, fomos para um acampamento dos sem-terra. Tudo foi muito forte ali. Nossa caminhada até o acampamento foi na escuridão, onde não enxergávamos o chão que pisávamos e o céu brilhava por cima de nós com uma quantidade de estrelas que só fui descobrir que existiam naquele momento. Dentro do acampamento fomos acolhidos por uma família e ali aconteceu o meu encontro com aquela realidade tão sofrida e de tanta opressão. Foi também um forte encontro com o Cristo Abandonado. Levaram-nos para o local onde faziam suas assembleias e realizavam seus cultos, lugar de decisões e de esperança. E ali, à luz de uma lamparina, escutamos sobre a dura realidade que eles viviam ali, partilhamos também a nossa realidade e falamos sobre a Arte de Amar.

Participante 3 - Fomos recebidos em Barreirinha com festa e rojões. O povo do Movimento que por lá vivia foi muito receptivo e acolhedor, cada um se organizou em uma casa e nos preparamos para a programação da semana – visitas às famílias duas horas na manhã e duas na tarde, dinâmica do dado do amor nas escolas municipais, encontro de casais durante a noite logo após a missa, Workshop da Escola Civitas em uma escola de ensino médio e gincana com os adolescentes.

Participante 4 - Nós éramos 4 missionários que ficamos todo o período. Nos fins de semana vinham outros missionários das áreas de saúde e jurídica. Assim que chegamos fomos saudar dom Francisco, que abriu as portas ao Projeto Amazônia, pedindo para que esta experiência tenha uma continuidade. Fomos acolhidos pelos padres verbitas, e hospedados com grande amor nas casas das famílias da comunidade “Santa Isabel da Hungria”, e iniciamos nossa missão visitando as famílias.

Participante 5 - Foram várias as atividades desenvolvidas, desde visitas domiciliares, momentos com os vários grupos da Paróquia como as crianças, jovens e adultos/famílias, Oficinas de higiene e escovação com as crianças, entrevista na rádio local... e muita escuta das dores e alegrias das pessoas que, em meio às dificuldades, continuam acreditando no amor de Deus.

Participante 6 - Uma visita que me marcou muito foi com os índios sateré-maué que estavam ocupando a área da nova conquista, um bairro recente fruto de uma ocupação da população dos “interiores” (caboclos e índios que estavam em uma situação de pobreza extrema e viviam do extrativismo nas terras ao redor). A família era composta pelo pai, pela mãe e por 10 ou 11 filhos e 3 netos. As filhas mais jovens não falavam português, apenas o idioma indígena, e a situação era muito complicada. Os pais não tinham renda alguma além do Bolsa Família e uma pequena produção no roçado da terra indígena. Estavam na área urbana para a educação dos filhos (condição para o Bolsa Família), mas não conseguiam comprar alimentos mais pesados além de farinha com feijão que as filhas dividiam entre si. A mãe era catequista na área indígena e ganhava uma bolsa de 200 reais mensalmente para distribuir alimentos para todas as dezenas de crianças da catequese. A filha mais velha tinha já dois filhos, um de

cada pai diferente, ambos sumiram do mapa e não ajudavam em nada. A segunda filha tinha acabado de dar a luz a uma criança.

Participante 7 - Embarcaram para Óbidos os 32 participantes, dos quais 13 eram jovens estudantes que estavam dispostos a começar a missão, conscientes de que se dedicariam totalmente ao próximo. O Projeto durou nove dias. A equipe era formada por profissionais de diferentes especialidades, como professores, uma médica, uma advogada e outros que atuaram em quatro comunidades. Foram visitadas 133 casas; na saúde bucal 325 crianças foram atendidas; na clínica móvel foram feitos 90 atendimentos e efetuados 322 procedimentos. A médica, com a ajuda de uma enfermeira, fez 494 atendimentos familiares. A advogada conversou com 46 pessoas e deu instrução sobre diversas situações. Nas palestras das nutricionistas foram atendidas 118 pessoas.

Por trás destes depoimentos e de toda a discussão teórica está, naturalmente, o profundo desejo da Igreja em realizar a sua missão, tornando-se partícipe da sociedade e da cultura em que está inserida. Também relendo um pequeno texto do artigo sobre a Amazônia já mencionado, vale citar:

No Capítulo IV, artigo 127 da *Instrumentum laboris*, preparatório ao Sínodo da Amazônia, está presente a necessidade de a Igreja encarnar-se nas culturas amazônicas que possuem um elevado sentido de comunidade, igualdade e solidariedade, e que os povos originários possuem uma rica tradição de organização social, na qual a autoridade é rotativa e dotada de um profundo sentido de serviço, o que é uma excelente contribuição autóctone que reforça os ideais focolarinos. No mesmo documento, no capítulo VIII, art. 145, a afirmativa é veemente quando diz que ser Igreja na Amazônia de maneira realista significa levantar profeticamente o problema do poder, porque nesta região o povo não tem possibilidade de fazer valer seus direitos face às grandes corporações econômicas e instituições políticas. (BORTOLETO *et ali*, 2020, pág. 16).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir, precisamos voltar à estrutura que norteou a escrita deste artigo e sentir os sabores mencionados, entre os quais muitos deles merecem ser retomados a título de síntese.

O primeiro, de que não há como tratar deste tema sem percorrer o *caminho das origens geográficas e históricas de nosso continente latino-americano-caribenho* e atentar para todas as nuances que caracterizam pensar a ação da Igreja neste espaço, historicamente demarcado pelas práticas eclesiológicas que todos conhecemos e que mereceriam ser mais profundamente estudadas e compreendidas. Além disso, olhar para toda a *proposta de Chiara Lubich* e compreender que ela, em meio à guerra foi capaz de ouvir a inspiração do Espírito e produzir uma obra que avança em seu movimento de entender a realidade e buscar inserir-se nela, é estabelecer um parâmetro que orienta e direciona os passos do Movimento. Mais para a frente dessa compreensão, entender que a *fraternidade política* presente em Chiara é paradigma para orientar as *questões de cogovernança*, tema deste evento, é fator fundamental para a existência

da paz e harmonia das cidades no presente século e, quiçá, poderá ser responsável pela manutenção da Esperança no mundo.

Segundo, reconhecer que no Brasil temos um teórico da filosofia capaz de produzir e sistematizar um tipo de *humanismo* que traz consigo os *valores do cristianismo* mais puro, sem contudo identificar-se oficialmente como cristão, mas capaz de fazer ecoar tanto no coração de cada cristão, pessoalmente, quanto no conjunto da sociedade civil que aspira por soluções humanas e capazes de garantir dignidade e bem comum a todos, e poder nomear este intelectual - Paulo Freire - como alguém que sempre produziu coletivamente sua visão de mundo e seu engajamento pedagógico e antropológico, auxilia na estruturação do pensamento da sociedade que busca soluções para seus problemas.

Terceiro, e não menos importante, relatar *sobre, e sentir o sabor do Projeto Amazônia* é como anunciar um esforço sério de trabalho coletivo e engajado nas reais necessidades do país. É como dizer sim aos apelos constantes da realidade que se impõe a seus dirigentes e gestores e que busca formas de solucionar os dramas das cidades: falta de moradias, dificuldades de atendimento à saúde, problemas com a estrutura escolar, desemprego, dramas familiares, migrações, movimentos sociais e tantos outros.

A partir da experiência do Projeto, provavelmente o mais difícil de alcançar tem sido a manutenção do trabalho após o Projeto, justamente em função da dificuldade para manter a rede de parcerias que dá sustentação ao trabalho. Em outras palavras, sem a garantia da cogovernança, as iniciativas tendem a não se perpetuar junto às comunidades, pois os interesses dos municípios são muitas vezes difusos e ou frágeis e eleitoreiros. Na perspectiva da *cogovernança*, tema deste artigo, seria necessário investigar mais para poder precisar sobre a questão das lideranças locais ou da falta delas, ou de pouco preparo das mesmas, ou se é falta de diálogo entre as diversas instâncias das instituições, ou ainda de interesses não convergentes nas cidades, ou das estruturas de manutenção do poder não representativas dos interesses das comunidades, ou de verbas públicas direcionadas para a participação e manutenção dos projetos para as comunidades, ou... Como a vida é dinâmica, vale seguir fazendo o trabalho, porque ele é fundamental para todos, mas vale também seguir perguntando pelo seu sentido para todos os participantes e para toda a comunidade, porque é destas perguntas que surgem as respostas que justificam a manutenção do trabalho.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Editora Paulus, 2004.

BORTOLETO, Edivaldo José. ROSA, Eustáquio, FREITAS, Margarida, MENEGHETTI, Rosa Gitana Krob e HORIBE, Tereza Mitsue. Amazônia em chamas: a tensão entre o cuidado e o desamor. In: Revista Caminhos de Diálogo. Curitiba, ano 8, no. 12, jan/jun.2020. Págs. 9-19. ISSN 2595-8208 19.

FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica *Fratelli Tutti* – Sobre a Fraternidade e a Amizade Social. São Paulo: Edições Paulinas, 2020.

FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez, 1980.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 9ª. ed., Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra. 1981.

FREIRE, Paulo. Pedagogia dos sonhos possíveis. Ana Maria Araújo Freire/organizadora. São Paulo. Edit. UNESP. 2001.

KLOPPENBURG, Frei Boaventura e VIER, Frei Frederico. Compêndio do Vaticano II – Constituições, Decretos, Declarações. 31ª. Edição. Petrópolis-RJ: Editora Vozes.

LUBICH, Chiara. Como um Arco-Íris: Aspectos concretos da vida do Movimento dos Focolares. Vargem Grande Paulista - SP: Editora Cidade Nova, 2016.

REALE, Dário e ANTISERI, Dario. História da Filosofia: Patrística e Escolástica. São Paulo: Editora Paulo, 2003.

STRECK, Danilo R., REDIN, Euclides e ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). Dicionário Paulo Freire. 3ª. ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2016.

VIDAL, Marciano. Moral de Atitudes – Volume 3 – Moral Social. Aparecida-SP: Editora Santuário, 1979.

VIDAL, Marciano. Teologia Pública e o Concílio Vaticano II: Um “novo modo” de ser cristão no mundo. Aparecida-SP: Editora Santuário, 2014.

WESLEY, John. O Espírito Católico.

Em: http://www.monergismo.com/textos/amor/catolico_wesley.htm - Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2016.